

Crítica

REVISTA CRESCER

Por Dib Carneiro Neto - Out./15

Dois meninos diferentes, dois espetáculos imperdíveis.

‘O Menino Que Brincava de Ser’, em cartaz no Rio, e ‘O Menino Que Não Sabia Chorar’, em SP, ensinam com delicadeza a arte de se viver com tolerância

O MENINO QUE BRINCAVA DE SER. Nesta peça, em circulação desde 2007 em diversas temporadas e teatros variados no Rio de Janeiro, o tema é o bullying na escola, cuja vítima é um garoto gay. Quem estiver no Rio não pode perder a última semana no Teatro Cândido Mendes. Baseado em livro homônimo premiado de Georgina Martins, é um texto sensível, muito bem encenado, forte, humanista e ultranecessário no mundo de hoje, ainda tão intolerante. A Cia. Pandorga acertou em cheio ao fazer o trio de atores (Giuseppe Marin, Leo Campos e Tatiana Henrique) revezar nos mesmos papéis, seja de homem ou de mulher, de jovem ou velho, de adulto ou de criança. Afinal, isso demonstra e comprova ludicamente à plateia a tese do espetáculo: o combate ao preconceito, ou seja, todos nós temos várias faces. Isso funciona muito bem em cena, graças ao talento do elenco. O tema bullying tem sido muito explorado no teatro, mas aqui não há nenhum ranço de sermão, lição de moral, dedo em riste, nada disso. A delicadeza da abordagem chega a emocionar. E há ritmo, graça, humor, poesia, amor ao teatro.

Escolas deveriam sempre fazer filas imensas para levar seus alunos. Além de ensinar o respeito às diferenças, a peça é uma linda iniciação à arte teatral, porque mostra como se monta uma peça, como são os ensaios, as escolhas de figurino, as definições de papéis. Um grande achado. Garanto que, como eu, você vai encher seus olhos de água quando, quase ao final da peça, o menino pedir à avó: “Vó, você me ajuda a conversar com meu pai e pedir pra ele gostar de mim do jeito que eu sou?” Eis, na minha opinião, a frase-síntese da peça, a chave mestra para uma vida de tolerância. Que esse espetáculo prossiga com mais temporadas, pois é teatro dos bons, de olho em um mundo melhor. “Aprendemos na prática que esta peça é para crianças e adultos”, destaca Cleiton Echeveste, diretor e autor da montagem. “Se a princípio parecia uma ousadia falar sobre liberdade e respeito à diversidade para os pequenos, em tempos de afronta a direitos civis básicos não é menos angustiante pensar que esses temas precisam, mais do que nunca, estar em pauta no teatro, na literatura e nas artes em geral”, conclui. Aplaudido de pé.